

ESCRITA DE MULHERES NEGRAS COMO REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA

FABIANA SANTOS SOUZA

Graduanda do Curso de Letras Vernáculas, da Universidade Federal da Bahia – UFBA/BA, profabisantos@outlook.com.

1. INTRODUÇÃO

No início de 2020, mais precisamente no dia 18 de fevereiro, fui surpreendida com um convite para palestrar sobre escrita feminina negra, na escola em que uma colega trabalhava como docente. Pensando nisso, recolhi uns livros físicos de amigas, pois eu havia lido via empréstimo, e juntei com alguns que já tinha, pois, meu maior objetivo era proporcionar aos alunos o contato tátil com os livros.

Mais próximo da data do evento, essa colega e eu nos encontramos para definir diretrizes e bases da palestra. Foi quando me explicou sobre o projeto que estava desenvolvendo, que era em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, dia 8 de março, e que estava trabalhando temas específicos em cada série, sendo: identidade cultural; contação de histórias; inclusão de diversidades e diversidade cultural. Fiquei durante todo um período refletindo nas temáticas, e como conciliá-las.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Vamos ao relato em si. A primeira informação que recebi é que aglomerariam todos os estudantes no pátio da escola, de acordo com as séries. Minha conversa seria substituindo as aulas da professora de português. Ao chegar à escola, havia um violonista tocando músicas para recepcionar as mães que chegavam para deixar os filhos. Imediatamente, uma gestora me pediu para ficar ao lado do violonista, enquanto eles filmavam para publicar no Instagram da escola. Fiquei pleníssima, sorrindo e super desconfortável com a situação. Pois, esse pedido antecedeu às boas vindas, uma outra gestora supôs que eu era a palestrante do dia sem ao menos me perguntar, será que era porque eu estava usando turbante? Sim, com certeza.

A colega chegou, e me convidou a entrar no colégio. Entrei e ela me conduziu até a sala do 9º ano. Para minha sorte, ou não, a anfitriã avisou que havia tido problemas com essa turma, porque eles tinham conceitos muito deturpados do que era machismo, feminismo e racismo. Pensei: primeiro esses conceitos, para somente depois falar de literatura negra feminina. Assim o fiz. Escrevi no quadro os três nomes: feminismo, machismo e racismo. Em seguida, pedi que me falassem o nome, idade e o que ele ou ela entendia daquelas palavras.

Fiquei assustada. As definições que me apareceram foram “machismo é o sistema que coloca ordem no mundo, posicionando o homem no lugar

dele de direito”; “feminismo é uma ideia que umas mulheres que odeiam homens tentam colocar na cabeça das pessoas”; “feminismo é odiar homens, batons e coisas de meninas”; “feminismo é igual machismo, só que de mulheres”; “feminismo é uma proposta de as mulheres dominarem o mundo”; “racismo é preconceito contra pessoas de cor”; “racismo é coisa da cabeça de gente pobre e escura”. Assim que a última aluna respondeu, voltei fazendo todo um processo de desconstrução. Falei para eles o conceito de cada um dos vocábulos perguntado, mostrei os livros, e li um trecho da definição de feminismo a partir de bell hooks. Sai estarecida dessa aula.

Tocou o sinal do intervalo. Desci. A proprietária do colégio me chamou, rendeu mil elogios à minha beleza e falou para a colega pegar um lanche para mim na cantina. Para meu espanto era pastel. Sempre achei proibidíssimo fritura em escolas. Mas aceitei. Aceitei mais porque minha colega havia dito que trabalhava lá a um bom tempo e nunca tinha ganhado, que era para eu aproveitar porque era caro. Nós duas comemos juntas. O suco dei a ela integralmente, sabor maracujá, preferi café. Após uns 15 minutos ela voltou me entregando o suco, porque a coordenadora havia perguntado aonde ela “tinha pegado”. Achei um absurdo! Ao fim, entreguei novamente para ela bebê-lo.

Tudo preparado. Data show, microfones e alunos devidamente organizados. Iniciei a palestra me apresentando. A primeira turma foi do 7º ano, falei durante 50 minutos. Depois 50 minutos com 8º e 9º ano. E por fim, foi para o 6º ano, mas, surpreendentemente, as demais professoras foram trazendo seus estudantes, de 5º, 4º e 3º ano do ensino infantil. Eram muitos! Valorizei a postura da escola em promover aquele evento. E antes de falarmos sobre literatura propriamente, fiz uma breve retrospectiva histórica quanto aos horrores da escravidão, inclusive sobre a desumanização dos sujeitos escravizados, e que era indispensável refletirmos sobre o porquê que aquele momento de conversa era tão importante.

Ressaltei que a escravidão não aconteceu somente no Brasil, mas, o que o diferencia, é que foi o último país a acabar com esse sistema. Foram 388 anos de exploração, quase 400, e somente a 133 anos acabou documentalmente. Conte um pouco sobre o programa governamental de incentivo à imigração europeia. Expliquei que ao fim da escravidão, os negros não foram inseridos na sociedade, pelo contrário, eram rejeitados nas cidades, no mercado de trabalho e foram expulsos das fazendas. Ainda conversamos um pouco sobre a violência da divisão familiar, visto

que, os sujeitos escravizados vieram em navios negreiros, e na época foram espalhados pelo Brasil sem critérios de parentesco.

Com isso, quando foram libertos, não tinham para onde ir. Desse modo, começaram a construir barracos de lona longe do centro da cidade, e assim introduzi sobre favelização no Brasil, e que os outros direitos básicos também foram negados à população negra, como à saúde, terra, alimentação, escola e trabalho. Além disso, destaquei o grave problema relacionado à educação. Visto que, até a Constituição de 1891 proibia-se ir à escola os que tivessem doença contagiosa e os negros, “ainda que libertos”.

Dessa maneira, somente muitos anos após a abolição é que a população negra passou a ter acesso ao ensino formal das escolas. Disse que se para o homem negro foi difícil ocupar o espaço escolar, agravava ao pensar a situação das mulheres negras. Devido a essa realidade, grande parte da população feminina negra é analfabeta, até mesmo na atualidade. Destaquei que, por isso, esse momento de falarmos sobre escritoras é tão importante, porque ter um livro escrito significa que muitas problemáticas foram enfrentadas e, às vezes, superadas. Pois, as mulheres negras sempre foram um grupo privado de acesso à leitura.

No entanto, elas incorporaram-se à luta e reivindicam o direito de se apropriarem da escrita. Nutridas pelo desejo de criarem uma contra história focada na identificação da própria realidade. Falei que geralmente os livros escritos por essas mulheres são histórias reais, muitas das vezes próprias, e frequentemente associadas aos diversos sistemas de opressão, como o machismo e o racismo. Então, muitas mulheres negras encontram na escrita um lugar de representação simbólica, tanto individual, quanto coletiva, é uma forma de resistência. E é por ser um instrumento de luta, que essa literatura dificilmente chega às escolas. Por quê? Porque quem escreve os livros didáticos, e determina os currículos são pessoas que integram a hegemonia dominante branca.

Algumas escritoras negras também gostam muito de transmitir sua cultura oral, aprendida com seus antepassados. Pois, devido ao analfabetismo, por muitos anos essa era a única maneira de transmitir saberes e construir memórias. A linguagem literária é um instrumento de poder. Inclusive, porque é necessária no processo de construção de identidades. Visto que, essa é uma literatura pela qual a criança, o adolescente ou o adulto podem se reconhecer, se perceberem como negras, ou mesmo, ressignificar as imagens que tinham de si. Pensando nisso, anunciei que iríamos conhecer algumas dessas poderosas mulheres que tanto nos

ensinam. Primeiramente dividi os livros em dois grupos maiores: escritoras negras estrangeiras e brasileiras.

Levei livros e falei brevemente a biografia das escritoras norte americanas Alice Walker, Angela Davis, bell hooks, Maya Angelou, a portuguesa Grada Kilomba e da nigeriana, que mora nos

Estados Unidos, Chimamanda Ngozi. Para contemplar o Brasil, iniciei lendo um poema de Beatriz Nascimento, intitulado *20 de novembro*, e em seguida apresentei os livros e falei da biografia de Carla Akotirene, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Djamilá Ribeiro, Joice Berth e Sueli Carneiro. Para falar de Maria Firmina dos Reis, problematizei o fato de ela ser a primeira romancista no Brasil, ser negra, mulher e não ser devidamente reconhecida, nem mesmo nos livros didáticos.

Por fim, dediquei um espaço para as perguntas, que foram: “As pessoas brancas são más?”; “O racismo ainda existe?”; “Por que é importante estudar as escritoras negras?”; “Por que ainda existem racistas?”; “Qual a diferença entre discriminação, preconceito e racismo?”. Algumas participações me chamaram muito a atenção, como a de um aluno negro, retinto, que tinha por volta de sete anos e que me afirmou não existir racismo, pois aquilo que eu estava falando, os pais deles já tinham dito que não existiam, e que os portugueses foram ótimas pessoas, vítimas dos indígenas e negros. Em contraposição, a um aluno branco e loiro que fez a seguinte afirmação, a qual me alegrou bastante, “as afirmações de Darwin não fazem sentido nenhum, porque o que existe entre nós é somente uma diferença biológica”.

3. RESULTADOS

O momento foi muito bom, uma experiência ímpar. Ao fim, a proprietária do colégio me chamou para tirar uma foto com o restante da equipe pedagógica. Em seguida, uma professora negra se posicionou à minha direita, a proprietária do colégio se dirigiu até ela e proferiu as seguintes palavras “fica do outro lado, esquerdo, ao lado de fulana, senão vai ficar muito escura a foto”. Fiquei com ódio! A professora negra se direcionou até o local mandado. Fiquei sem reação! Só queria que a foto fosse logo tirada. Fiquei triste, porque passei uma manhã inteira falando de racismo, exemplificando e mostrando a realidade, para no fim, essa proprietária branca, loira e opressora fazer isso com uma irmã minha. Fiquei com mais raiva ainda por eu não ter feito nada!